

Imagens Do Medo: Notas Sobre A Produção E O Compartilhamento De Fotos Das Manifestações De Junho De 2013¹

Débora GAUZISKI²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo busca analisar a produção e o compartilhamento de imagens de violência nas manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013, tendo como enfoque as fotografias de profissionais da imprensa feridos, que tiveram grande repercussão nas redes sociais. Também serão exploradas algumas imagens produzidas a partir delas (memes e outras fotos). Baseando-se no pensamento de Paul Virilio sobre a “administração do medo”, a hipótese do texto é que essas fotografias de cenas violentas atuariam como um conector entre os indivíduos. Desta forma, a coesão social não seria estabelecida somente com base em concordâncias e sentimentos ou ideias positivas (ESPOSITO, 2003). Por fim, será explorada a relação do medo com os meios de comunicação (WAINBERG, 2005) e a produção de imagens (MITCHELL, 2008).

Palavras-chave: fotografia; manifestações; compartilhamento; medo; violência.

Introdução

O mês de junho de 2013 pode ser considerado o ponto de partida das diversas manifestações que tomaram as ruas de diversas capitais brasileiras no ano passado. O movimento teve início na cidade de São Paulo, organizado pelo Movimento Passe Livre (MPL). Com o *slogan* inicial “Não é só pelos 20 centavos”, a principal reivindicação era contra o aumento do valor das passagens dos transportes públicos que havia entrado em vigor (os ônibus tinham passado a custar R\$ 3,20). Os manifestantes, jovens em sua maioria, não consideravam o valor das tarifas condizente com a qualidade do serviço prestado. Entretanto, outras causas foram sendo agregadas pelos participantes, que levavam aos atos cartazes e faixas que continham as mais diversas demandas: dizeres contra a corrupção e a organização da Copa do Mundo no Brasil, exigindo mais gastos nas áreas da saúde e educação, a favor dos direitos LGBT e feministas, reivindicações suprapartidárias, pró e anti-governistas. O clamor popular tinha muitas facetas e afetos.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação (PPGCom - Uerj) e mestre pela mesma instituição. Email: deboragauziski@gmail.com.

Desde as campanhas de redemocratização (as “Diretas Já”, em 1983-1984) e os Caras-pintadas (em 1992), o país não presenciava manifestações populares do porte das de junho de 2013. No entanto, além dos dois momentos anteriores terem motivações bastante distintas - respectivamente, eleições presidenciais diretas e o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, envolvido em escândalos de corrupção -, outro ponto que os diferenciou das manifestações que ocorreram ao longo do ano passado é que eles dependeram fortemente da divulgação da grande mídia na época. A imprensa não só atuava como um canal de divulgação de informações (causas e objetivos dos protestos) e de convocação popular (informando local e hora em que estes ocorreriam), como conferia credibilidade aos atores que faziam as convocatórias (Cf. ZANOTTI, 2014).

No caso de junho, não só o papel das mobilizações para as manifestações ficou por conta das redes sociais (principalmente através de eventos criados no Facebook), como também grande parte da divulgação dos acontecimentos, posteriormente. A imprensa, sem o poder de centralizar as informações como outrora, não conseguia *a priori* entender a motivação dos protestos e nem acertar o enfoque da cobertura jornalística.

O clima das manifestações foi ficando mais tenso. Os protestos pacíficos logo deram lugar à violência policial, que visava reprimir a ação dos manifestantes (tidos como “vândalos” por parte da imprensa). Os casos de repressão (denúncias de agressões, utilização inadequada de armamentos não letais, uso de armas letais, prisões arbitrárias etc) protagonizados pela Polícia Militar eram registrados e divulgados nas redes sociais, causando ondas de indignação, revolta e muitos compartilhamentos.

Os relatos se multiplicavam na internet, mas poucas vezes ganhavam atenção da imprensa tradicional³, que enfocava os distúrbios e depredações ao patrimônio público e privado promovidos principalmente por *black blocs* e grupos infiltrados⁴. Considerados sem credibilidade pelos manifestantes, houve ocasiões em que jornalistas foram rechaçados e expulsos das manifestações (o repórter Caco Barcellos foi um deles⁵), sendo impedidos de cobrir os eventos. A imprensa só passou a noticiar mais intensamente os casos quando se sentiu lesada: dentre os diversos feridos havia jornalistas. Ao final do primeiro mês de protestos (junho de 2013), a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)⁶

³ Entendo por imprensa tradicional os veículos impressos, de televisão e rádio que detêm grande audiência e possuem um elevado potencial de divulgação de informações. Mesmo na internet, os portais de imprensa como O Globo, O Dia, Folha de São Paulo, Estadão etc, parecem ser fontes prioritárias na busca de informações, o que indica certa tendência de manutenção do público.

⁴ Alguns criminosos se aproveitaram do “calor do momento” para roubar eletrodomésticos de lojas, por exemplo.

⁵ Mais informações no artigo “Repórter da Globo é expulso de concentração no largo da Batata” (R7, 2013).

⁶ Informação disponível em: <http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2532>. Acesso em: 29 jun. 2014.

havia registrado, em uma nota de repúdio, a violação de direitos de 52 profissionais em 11 capitais brasileiras (34 agressões e ameaças pela polícia, 12 por manifestantes e 6 prisões).

As imagens da violência construíam não apenas um relato colaborativo como também o(s) imaginário(s) coletivo(s) em torno dos acontecimentos. Grande parte dos vídeos e fotografias era produzida através de celulares e câmeras dos participantes, sendo replicada nos portais de notícia da grande imprensa. Na *timeline* das redes sociais, imagens “amadoras” e “profissionais” se mesclavam.

Em suma, esse artigo terá como enfoque a circulação de imagens (com destaque para as fotografias) relacionadas à violência nas manifestações. Evidenciarei, principalmente, casos envolvendo profissionais da imprensa, que repercutiram nas redes sociais. Todas as imagens selecionadas são referentes a junho de 2013, mês em que ocorreram os primeiros protestos que se estendem até o presente momento, ainda que em menor proporção. A hipótese do texto é que essas fotografias que retratam cenas violentas (de pessoas feridas, repressão, entre outras) atuariam como um conector entre as pessoas. Com base no pensamento de Paul Virilio sobre a “administração do medo”, a ideia central é que a coesão social não seria estabelecida somente com base em concordâncias e sentimentos ou ideias positivas. Ao serem capazes de suscitar sensações de medo, repúdio ou indignação, essas imagens promoveriam laços, evidenciando o comum nessas relações (Cf. ESPOSITO, 2003).

A violência estampada em imagens

Spray de pimenta. Bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo. Balas de borracha. Armamentos não letais, mas capazes de causar danos físicos e psicológicos, em alguns casos permanentes. Embora o procedimento padrão seja utilizar balas de borracha da cintura pra baixo, os policiais atiravam na altura do rosto e também utilizavam bombas sem o menor critério logístico. Logo surgiam comparações inevitáveis com a atuação policial no período da ditadura militar, promovendo pânico generalizado.

As denúncias de abusos policiais e de manifestantes machucados reforçavam a sensação de terror e insegurança em torno dos protestos. Isso porque o medo é um criador de coesão social, sendo capaz de produzir laços apesar de cada indivíduo ser afetado de forma diferente por ele. De acordo com Roberto Esposito, o medo “tem uma carga não só destrutiva, mas também construtiva. Não determina unicamente fuga e isolamento, senão também relação e união. Não se limita a bloquear e imobilizar, mas, ao contrário, estimula a refletir e neutralizar o perigo” (ESPOSITO, 2003, p. 57, *tradução minha*).

Através do fluxo contínuo de relatos na forma de textos e imagens (fotografias, vídeos, memes), os envolvidos nas manifestações (os ativistas “presenciais” e “de sofá”) construíam um relato coletivo daquele momento nas redes sociais. A violência se intensificava nas ruas e as imagens produzidas construíam narrativas paralelas. Entretanto, a cobertura da imprensa sobre o tema apenas se intensificou quando jornalistas foram feridos. Dois casos de grande repercussão foram o da repórter da Folha de São Paulo Giuliana Vallone e do fotógrafo Sérgio Andrade da Silva, atingidos no olho por balas de borracha disparadas pela PM (figs. 1 e 2, abaixo).



Fig. 1 - Giuliana Vallone momentos após ter sido atingida por uma bala de borracha no olho direito (Fonte: Diego Zanchetta/Estadão Conteúdo).

Fig. 2 - O fotógrafo Sérgio Andrade da Silva, atingido por um disparo de bala de borracha no olho esquerdo, sendo atendido no hospital (Fonte: Arquivo pessoal do fotógrafo).

A figura 1 apresenta a repórter Giuliana momentos após ter sido atingida por um disparo de bala de borracha no rosto durante a cobertura que realizava para a Folha, no dia 13 de junho. O caso ocorreu na Rua Augusta, na cidade de São Paulo. Segundo a declaração da jornalista, um policial da Tropa de Choque⁷ disparou a 20 metros de distância e teve a intenção de atingi-la. A foto mostra o ferimento explícito: escorre sangue do olho inchado e roxo.

O caso de Giuliana se tornou pauta jornalística. A Folha publicou um vídeo no formato de documentário em que a jornalista aparece como uma das fontes, dando sua declaração sobre o ocorrido, no hospital. O vídeo atingiu mais de dois milhões de visualizações⁸. Sua recuperação foi tema de notícia, como, por exemplo, na matéria “Repórter da Folha ferida no olho volta a enxergar”⁹. Apesar da gravidade da lesão, os óculos que ela usava no momento em que foi atingida ajudaram a preservar a integridade do globo ocular.

⁷ A Tropa de Choque da Polícia Militar é uma unidade especializada em controlar e dispersar multidões em manifestações e também em cumprir mandados de reintegração de posse.

⁸ “Reporter tells how the Police brutality marked the latest protest” no canal TV Folha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W6QVLE8PQJ8>>.

⁹ Informação disponível na matéria “Repórter da Folha ferida no olho volta a enxergar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Na época, a própria jornalista postou, em seu Facebook pessoal, uma mensagem de agradecimento que teve bastante repercussão (5342 curtidas, 619 comentários e 11864 compartilhamentos¹⁰). Nos comentários, pessoas torcem para que ela fique totalmente curada, de certo modo compartilham da sua dor. Por meio do perfil privado da repórter, imprensa e público se integram.

O mesmo “final feliz” não foi possível para o fotógrafo Sérgio (figura 2). Ele foi atingido enquanto fazia a cobertura fotográfica dos eventos para a Agência Futura Press, também no dia 13 de junho, como Giuliana. Na fotografia, que foi postada em seu Facebook pessoal, ele pode ser visto sendo empurrado em uma cadeira de rodas, vestindo um traje hospitalar. O que tem destaque na foto é o olho atingido, perceptivelmente machucado. Sua expressão facial transmite dor e talvez tristeza. Seu caso foi mais grave, já que em decorrência do ferimento ele perdeu o globo ocular.

Em 2014, o fotógrafo abriu um processo público contra o estado de São Paulo. As imagens servem de prova que Sérgio sofreu violência policial e criam testemunhas da agressão. Ou seja, a fotografia é uma prova judicial legal e todas as pessoas que a visualizaram e curtiram legitimam o pleito do profissional. De certa maneira, o Facebook funciona como uma via alternativa de justiça, dando voz a grandes e pequenos descontentamentos.

Em relação ao aspecto material dessas imagens, vale destacar que ambas aparentam ter sido tiradas com celulares, já que não têm uma definição muito alta (apresentando “pixelização” aparente). Mesmo assim, isso não impediu que esses registros circulassem além das redes sociais, sendo reproduzidos em portais de notícias e jornais impressos. A função que essas imagens exercem vai além da sua qualidade. O cenário pode ser descrito da seguinte maneira: a mídia tradicional aparentemente alijada desse fluxo comunicativo toma novamente as rédeas do processo ao se apropriar dos registros feitos por cidadãos comuns.

No Rio de Janeiro, houve casos similares de pessoas feridas no rosto por armas não-letais utilizadas pela PM. O repórter Pedro Vadova da Globo News foi atingido por uma bala de borracha na testa e prestou seu relato ao vivo¹¹, com a lesão exposta e o rosto sujo de sangue (fig. 3). Interessante como o canal de TV não relutou em mostrar a imagem

¹⁰ Dados referentes ao dia 01 de julho de 2014. Disponível online em: <<https://www.facebook.com/giuvallone/posts/10200618526163591>>.

¹¹ O vídeo do relato do repórter Pedro Vadova pode ser conferido em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SZ6kKri0MeA>>. Acesso: 08 jul. 2014.

explícita, como é de praxe no jornalismo. Talvez a veiculação se justifique pelo horário (aproximadamente às 20h) e por se tratar de um canal da TV paga e não da aberta.



Fig. 3 - Repórter Pedro Vadova ferido por uma bala de borracha (Fonte: Globo News/reprodução).

Por sua vez, essas fotografias ainda serviram de inspiração para a produção de outras imagens. O fotógrafo Yuri Sardenberg produziu uma série fotográfica chamada “Dói em todos nós”¹², inspirada na foto de Giuliana vista acima. Yuri produziu fotos em preto e branco de atores brasileiros famosos posando com um olho roxo maquiado, como forma de protesto contra a violência policial (na fig. 4, os atores Thaila Ayala, Carmo Dalla Vecchia e Paulo Vilhena, respectivamente).



Fig. 4 - Três fotografias integrantes da série “Dói em todos nós” (Fonte: Yuri Sardenberg/reprodução).

Não obstante, me parece que esta série fotográfica teve mais apelo de divulgação que de protesto. As fotos destoavam dos trabalhos restantes do fotógrafo, conhecido por seus trabalhos na indústria da moda. O resultado das fotos foi “asséptico”: os atores estão posando, olhando fixo para a câmera como em um editorial de alguma grife. A violência física que a série busca criticar não passa muita credibilidade, uma vez que a maquiagem é leve: um olho roxo maquiado e o resto do rosto limpo, bem iluminado. Ao comparar com as outras imagens que circulavam online, essas parecem ensaiadas e frívolas. Não causam impacto, não chocam, não incitam contestação.

Se o fotógrafo buscava criar comoção para a causa, a simulação dos ferimentos deveria ter sido mais realista. Afinal, o rosto mutilado de um artista, que é idolatrado também por sua beleza, gera polêmica. No entanto, a maior parte da divulgação da série foi

¹² Disponível em: <<http://yurisardenberg.com/portfolio/doi-em-todos-nos/doi/>>.

em sites de fofoca (como Caras¹³ e Pure People¹⁴), que não têm compromisso com informações dedicadas à política. O próprio público-alvo da Caras não se interessa por esse tipo de notícia. Será que se fossem imagens mais “agressivas” esses sites as publicariam? Provavelmente, não. Embora não seja possível afirmar veementemente, me parece que o fotógrafo se aproveitou do momento para ganhar “audiência”.

A imprensa como administradora do medo

Um efeito interessante do engajamento online pôde ser percebido na própria cobertura jornalística das manifestações. A linha editorial de diversos veículos sofreu alterações quando a imprensa passou a ter sua visão dos fatos questionada pelo público. Quando também se viu como alvo, a violência passou a ser considerada intolerável. Ao noticiar acontecimentos, a mídia se torna uma catalisadora do medo.

Existe uma relação simbiótica entre o medo e os meios de comunicação. Em *Mídia e terror*, Jacques Wainberg (2005) analisa a ligação entre imprensa e terrorismo político. Segundo o autor, a mídia dissemina a violência psicológica quando divulga os atos de terrorismo, pois, desta forma, acaba promovendo-os. Os próprios indivíduos por trás de ações destrutivas as planejam de forma a repercutir na cobertura jornalística¹⁵. Uma das principais características do terrorismo é a espetacularização:

O terror por natureza é público. É uma fala facilmente compreensível, em especial pela comunidade-alvo da agressão, que assiste com grande espanto ao enquadramento dramático que os meios de comunicação fazem das cenas de horror. O resultado prático de tal cobertura intensiva é a propagação de uma ampla onda de medo e pavor que pode paralisar a rotina de uma comunidade, em especial a do grupo visado (WAINBERG, 2005, p. 61).

Esse medo paralisante pôde ser percebido no Rio de Janeiro quando os comerciantes da região central da cidade fecharam as portas de suas lojas por temerem depredações e saques. A mídia reforçou ainda mais esse sentimento ao divulgar as sucessivas perdas que o comércio local estava sofrendo.

No dicionário Michaelis Online¹⁶, o verbete “terrorismo” apresenta duas definições: a primeira, “Sistema governamental que impõe, por meio de terror, os processos

¹³ Matéria “Mais famosos aparecem com olho roxo para o protesto ‘Dói em Todos Nós’” (CARAS ONLINE, 2013).

¹⁴ Matéria “O projeto de postar fotos em referência à repórter atingida foi do fotógrafo Yuri Sardenberg”. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/thaila-ayala-e-paulinho-vilhena-aderem-campanha-por-reporter-atingida-em-sp_a6202/13>. Acesso em: 05. Jul. 2014.

¹⁵ Um bom exemplo citado por Wainberg (2005, p. 63) é o de Timothy McVeigh. Em 1995, ele promoveu um atentado à bomba contra um prédio governamental em Oklahoma, nos Estados Unidos, que matou 168 pessoas. McVeigh disse que “escolheu o edifício porque estava localizado numa área espaçosa que permitiria uma cobertura fotográfica e cinematográfica dramática da cena”.

¹⁶ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>.

administrativos sem respeito aos direitos e às regalias dos cidadãos”; a segunda, “Ato de violência contra um indivíduo ou uma comunidade”. Embora alguns autores critiquem as definições mais usuais de terrorismo, pode-se definir como terroristas os atos criminosos e violentos comuns, pois, “terrorismo é o uso ou ameaça de usar a violência, secretamente planejada e usualmente utilizada sem aviso, e dirigida contra objetivos com vistas em coagir e obter adesão, intimidar e/ou impressionar uma ampla audiência (alvo do terror ou alvo da atenção)” (WAINBERG, 2005, p. 77).

Sendo assim, acredito que poderíamos enquadrar tanto a ação dos policiais como a dos *black blocs* e grupos infiltrados nas manifestações como terroristas. Todavia, nenhum dos envolvidos dos dois lados buscava ser associado individualmente aos atos que repercutiam negativamente, temendo punições (ao contrário de grupos terroristas internacionais que geralmente reivindicam a autoria dos ataques). Alguns policiais iam aos protestos escondendo suas identificações ou sem vestir farda, tanto para não ser rechaçados pelos manifestantes quanto reconhecidos e processados por eventuais ações violentas. A despeito disso, houve casos de policiais que tentaram criar factoides a fim de produzir repercussão negativa para as manifestações. Um exemplo foi o vídeo amador de um policial quebrando o vidro dianteiro da viatura¹⁷, visando provavelmente atribuir a culpa a manifestantes. Ele não contava que alguém filmaria e divulgaria a farsa. Por sua vez, os *black blocs* promoviam suas ações (principalmente a destruição de vidraças de bancos e lojas) com o rosto coberto por panos e máscaras, evitando ser identificados individualmente na cobertura jornalística. No entanto, as ações individuais engrandeciam o grupo em sua totalidade, já que seu objetivo era contestar as instituições de maneira direta.

Através do conceito de “administração do medo”, Paul Virilio apresenta a ideia do medo como um ambiente: uma ocupação que é tanto física quanto mental. Se em períodos anteriores à globalização o medo era considerado um fenômeno relacionado a eventos localizados e identificáveis dentro de um período temporal (como guerras, fome e epidemias), hoje o mundo é “limitado, saturado, reduzido, nos restringindo a uma claustrofobia estressante” (VIRILIO, 2012, p. 15, *tradução minha*). O terror está em tudo e todos. Sentimos medo, mesmo quando não existe um objeto concreto que o motive.

Para Virilio, o medo está profundamente ligado à velocidade. Segundo o pensador, o terror não é apenas um fenômeno emocional e psicológico, mas também físico. Nas sociedades contemporâneas o ritmo é o da constante aceleração, havendo o predomínio do

¹⁷ Mais informações em “PM apura vídeo que mostra policial danificando vidro de viatura” (TOMAZ, 2013).

tempo em relação ao espaço. É através da tecnologia que essa rapidez é promovida: “o medo e sua administração são agora apoiados pela incrível disseminação da tecnologia em tempo real” (VIRILIO, 2012, p. 16, *tradução minha*). E essa tecnologia, por sua vez, é retroalimentada através de propaganda midiática.

A velocidade, entretanto, tem efeitos negativos. Apesar do potencial positivo da internet, nem todas as informações compartilhadas são confiáveis. No artigo “Redes sociais, boatos e jornalismo”, Sylvia Moretzsoh destacou alguns dos boatos que circularam na internet em junho de 2013. Um deles foi uma fotografia de um manifestante solidário carregando nos braços um policial ferido. Na realidade, a imagem era de um protesto de professores em São Paulo que havia ocorrido em 2010. O “manifestante” que levava o policial no colo era seu colega à paisana (conhecidos informalmente como “P2”). Como as imagens não falam por si mesmas, elas podem ser utilizadas para os mais variados fins. Daí a necessidade de contextualização através de outros textos e até mesmo imagens, que podem apresentar outros ângulos do mesmo acontecimento.

No calor do momento, as pessoas divulgam as informações sem checar as fontes e refletir criticamente. Como existe a possibilidade da informação ser verdadeira, surge o ímpeto do compartilhamento, de fazer parte da corrente. Segundo Moretzsoh, é isso que diferencia a informação jornalística, em teoria apurada antes de publicada, daquela que circula na internet, “por mais que as redes também sejam uma riquíssima fonte de informação e expressão da criatividade e da irreverência diante da brutalidade e da opressão” (MORETZSOH, 2013, *online*). Ela ressalta, porém, que a própria imprensa cometeu esse tipo de gafe diversas vezes, ajudando a aumentar a “bola de neve” da desinformação.

Outro aspecto relativo à política de administração do medo é que os Estados criam medidas para a sua orquestração e gestão: “A globalização tem devorado progressivamente as prerrogativas tradicionais dos Estados (principalmente do Estado de bem-estar social), e eles têm que convencer os cidadãos de que podem garantir a sua segurança física” (VIRILIO, 2012, p. 15, *tradução minha*). Nas palavras de Virilio, é justamente na dupla ideologia integridade e segurança (“health and security”) em que reside uma ameaça real à democracia.



Fig. 5 - Policial lança spray de pimenta (Fonte: Rodrigo Paiva/Estadão Conteúdo).

Para ilustrar esse aspecto, selecionei uma fotografia de bastante repercussão online, que ficou conhecida informalmente como “policial pacífico” (fig. 5). A foto apresenta um policial utilizando spray de pimenta numa ação em São Paulo. A direção do jato parece ser a imprensa, já que há um repórter cinematográfico segurando uma câmera do lado esquerdo da foto, mas não é possível precisar exatamente quem é o alvo. No entanto, aos usuários de redes sociais e os próprios jornais publicavam a foto afirmando que essa era a intenção do mesmo. A imagem em si não diz mais do que contém - as informações são acrescentadas em momento posterior.

A aparente expressão de raiva do policial é um elemento de destaque na imagem, inspirando a criação de vários memes que se proliferaram na internet (fig. 6)¹⁸. Memes originários de fotografias violentas são uma forma de ridicularizar os representantes do poder como forma de crítica social. Mesmo desvirtuando o sentido original de uma foto, eles são uma forma de fazer determinadas informações se disseminarem (ou, melhor dizendo, “viralizarem”), até entre aqueles que não têm um interesse mais profundo por certas questões. Assim, relatos visuais que não teriam tanta relevância, ganham destaque. É difícil precisar como os memes começam e também determinar sua autoria. Eles mostram como uma foto pode ser adulterada, rearranjando um ou mais de seus elementos em novos cenários, alterando completamente seu sentido inicial.



Fig. 6 - Dois exemplos do meme “policial pacífico”.

¹⁸ Outras imagens podem ser conferidas no blog Jesus Manero. Disponível em: <<http://jesusmanero.blog.br/policial-pacifico-te-ensina-novas-utilidades-para-o-spray/>>. Acesso: 08. Jul 2014.

Embora seja uma imagem bastante popular¹⁹, destaco que foi difícil encontrar informações sobre ela, como quem era o fotógrafo e qual era o contexto em que foi tirada. Isso mostra que, apesar da prática dos memes promover a crítica através da ironia, contraditoriamente também pode desviar o foco de informações mais profundas sobre determinados acontecimentos. Isto é, a jocosidade ganha protagonismo, deixando de lado os dados factuais sobre aquilo com o que se brinca.

Fotografia como meio para a promoção do medo global

A transmissão instantânea de informação tem um papel importante no estabelecimento do medo como um ambiente, pois permite a sincronização da emoção em escala global (Cf. VIRILIO, 2012, p. 30). Virilio aponta que, na segunda metade do século XIX, com a revolução industrial, uma democracia de opinião foi impulsionada pela prensa e depois pela comunicação de massa (imprensa, rádio e televisão). O regime atual, por sua vez, é composto pela sincronização de emoções. Desta forma, teríamos feito a transição de uma democracia de opinião para uma democracia de emoção. De acordo com o pensador, o ponto positivo é que seríamos capazes de nos sensibilizar e ser generosos diante de catástrofes. O negativo é que qualquer ataque é capaz de produzir terror instantâneo e, conseqüentemente, práticas políticas negativas de curto prazo, tomadas em resposta.

A imagem abaixo (fig. 7) apresenta a foto de um policial espirrando spray de pimenta no rosto de uma manifestante no Rio de Janeiro, estampada na capa do jornal norte-americano *The New York Times*. O registro é do fotógrafo Victor Caivano, da agência norte-americana Associated Press.



Fig. 7 - Foto de um policial utilizando spray de pimenta no rosto de uma manifestante na capa do jornal norte-americano *The New York Times* (Fonte: The New York Times/Reprodução).

¹⁹ Ao se digitar na busca de imagens do Google “policial spray de pimenta”, esta é a primeira imagem que aparece.

Na foto, a mulher está sozinha e parada, em pose indefesa, enquanto o policial que utiliza o spray está protegido por farda, colete policial e capacete. A vítima não se encontra em posição de defesa. Talvez a força dessa imagem esteja nesse desnível entre os dois. Na legenda logo abaixo, se lê “Um policial militar encharcou uma manifestante com spray de pimenta no Rio de Janeiro na segunda-feira. O tumulto continuou na terça-feira”²⁰. Esse evento de impacto local, no máximo nacional, acabou alcançando escala global. Destaco que a capa do New York Times em si repercutiu na forma de notícia em jornais brasileiros, que a reproduziram²¹. Aqui fica evidente a formação de uma rede de relações (Cf. LATOUR, 2012) nesse ciclo informativo: fotógrafo argentino cobre um evento no Brasil (ocorrência do fato), a serviço de uma agência norte-americana (reverberação), cujas fotos são repostadas por jornais brasileiros locais (retorno).

Para pensar especificamente a relação entre medo e imagem, me utilizo aqui do pensamento de W. J. T. Mitchell. Embora no texto *Cloning Terror* o autor analise um contexto bastante diferente do tratado neste artigo, especificamente o papel das imagens no contexto da guerra ao terror norte-americana²², acredito que suas reflexões possam ser úteis aqui. O autor destaca dois aspectos que ao convergirem produzem a clonagem do terror: a transformação da violência política em terrorismo internacional e as inovações técnicas no campo das ciências biológicas. Para Mitchell, hoje não estaríamos vivendo em um tempo de meras imagens, mas de “bioimagens”: “Clonagem e terror convergem, em outras palavras, no nível de imagens entendidas como formas de vida” (MITCHELL, 2008, p. 185, *tradução minha*). Nesse cenário, não apenas a imagem funcionaria como um organismo, mas também o organismo como imagem.

Paradoxalmente, o efeito da guerra ao terror é a produção de mais terror. Quanto mais se demanda esforços para destruir os terroristas e também as imagens do terror, mais eles se multiplicam: “O ponto fulcral entre o terrorismo e clonagem é a imagem na fantasia coletiva e memória, dotada de uma virulência sem precedentes pelas novas tecnologias de captura, armazenamento e transmissão fornecidos pela revolução digital” (MITCHELL, 2008, p. 182, *tradução minha*). O objetivo da violência imagética é provocar uma reação exagerada, aumentando, conseqüentemente, o poder dos terroristas. Wainberg (2005, p. 65)

²⁰ No original em inglês: “A military police officer doused a protester with pepper spray in Rio de Janeiro on Monday. The unrest continued on Tuesday”.

²¹ Um exemplo é a matéria “Protestos ganham a capa do ‘New York Times’” (O GLOBO, 2013).

²² Política militar de combate ao terrorismo, implementada pelo governo de George W. Bush após os atentados de 11 de Setembro de 2001.

fala justamente que “o poder do terror é o poder que suas ameaças têm de invadir nossas mentes”. A mídia tem um papel central nessa disseminação:

Definir isso como uma guerra ‘de’ ou ‘em’ imagens não é de nenhuma forma negar sua realidade ou minimizar o sofrimento real que elas acarretam. É, antes, ter uma visão realista do terrorismo como uma forma de guerra psicológica, especificamente o uso de imagens e, especialmente, imagens de destruição, para traumatizar o sistema nervoso coletivo via mídia de massa e voltar a imaginação contra si mesma (MITCHELL, 2008, p. 185, *tradução minha*).

Quando a fotografia de uma vítima é divulgada pelos terroristas, o objetivo não é causar dor especificamente a ela, mas traumatizar todos os espectadores que se identifiquem com a mesma. Não apenas os grupos terroristas promovem o medo dessa forma, mas também a mídia. Embora a imprensa tenha o compromisso social de divulgar informações, ao disseminar fotos e vídeos de violência ela também incita o ódio coletivo, mesmo que não intencionalmente. O resultado é o clamor popular, que pode produzir apoio a ações imediatas (no caso americano, a invasão do Afeganistão). Durante a guerra ao terror promovida pelos Estados Unidos, o exército também fez uso de fotos de torturas aos acusados de terrorismo na prisão de Guantánamo.

Podemos dizer que quando a imprensa brasileira passou a divulgar registros visuais das revoltas populares também disseminou o terror - no caso, o abuso de poder por parte da PM -, pois atingiu um público mais extenso. O enfoque dado era de crítica à violência da polícia, mas também aos manifestantes mais agressivos, enquadrados como “vândalos” nas reportagens (sem haver, todavia, grande esforço para diferenciá-los dos outros manifestantes pacíficos). As imagens entram num jogo de disputa de diferentes lados (imprensa, polícia, manifestantes). Em dados momentos, não se sabe ao certo qual a intenção de cada um.

Contudo, a mídia não tem controle total sobre o modo como o público recebe as informações. Nesse caso, o medo pode ter sido paralisante para algumas pessoas (a violência intimidou muitas a desistir de ir aos protestos), mas, para outras foi uma motivação para a intensificação da ação nas ruas (e também mais violência). Ainda assim, questiono se estas imagens produzidas, ao se repetirem e promoverem um “hiperestímulo” (Cf. SINGER, 2004) sensorial, estariam fadadas a não gerar mais tanto impacto quanto antes, produzindo um efeito “blasé” em quem as vê.

Considerações prévias

Nesse artigo busquei estabelecer algumas proposições iniciais para se pensar as imagens produzidas nas recentes manifestações brasileiras. A ideia não foi analisar somente

o que essas fotografias mostram, mas, além disso, os sentidos, práticas e relações que são produzidos a partir delas. Centralizada nas imagens de violência nos protestos, especialmente nos casos envolvendo profissionais da mídia, este trabalho buscou investigar o papel delas na disseminação do medo. A ideia central foi a de que o medo é um conector social, pois as relações humanas não são baseadas somente em afetos positivos.

Essas narrativas visuais se propagaram em grande velocidade pelas redes sociais, produzindo ondas de mobilização e também de pânico. Elas inspiraram a fabricação de outras imagens com sentidos e propósitos bem diferentes, como as que buscavam carona na popularidade do tema e os memes humorísticos, que estabeleceram críticas ao poder público a partir da ironia.

As imagens não necessitavam obrigatoriamente passar pelo filtro da imprensa para ganhar notoriedade, ainda que muitas delas trilhassem esse caminho. As redes sociais são mais efetivas quantitativamente, isto é, veiculam um número muito superior de imagens do que a grande imprensa pelo simples fato de contarem com uma multidão de usuários anônimos postando; algo que em termos financeiros é inviável para uma empresa de comunicação.

Ao retomarmos a definição de notícia de Muniz Sodré - “uma *forma narrativa*, ou seja, um modo específico de se contar uma história” (SODRÉ, 1996, p. 132) -, percebemos que as fotografias e vídeos trabalhados não apenas noticiam um acontecimento como contam uma narrativa paralela e constroem uma rede de relações singular.

De todo modo, um grande problema que se impõe nesse universo visual produzido na internet é a questão do armazenamento e da memória. Não apenas a produção e a divulgação de informações foram feitas colaborativamente, mas a construção de um arquivo virtual que reúna essas fotografias é necessária e deve manter esse espírito coletivo. Uma tentativa interessante é o site colaborativo “Mortos e Feridos nos Protestos”²³, iniciativa do Centro de Mídia Independente do Rio de Janeiro (CMI-Rio). Acredito que a maior dificuldade que se impõe a tal tipo de projeto é a confirmação de todos os relatos.

Como sugestão de continuidade da pesquisa, considero válido um estudo comparativo entre a produção fotográfica nos protestos do passado e atualmente, levando em conta os enfoques e temas presentes, bem como suas formas de circulação e consumo. As manifestações ocorridas em junho de 2013 têm sido razoavelmente discutidas na Comunicação, talvez porque esta seja uma história que ainda esteja sendo contada.

²³ Disponível em: <<http://mortoseferidosnosprotestos.tk/>>.

Referências bibliográficas:

BALOGH, Giovanna. Repórter da Folha ferida no olho volta a enxergar. **Folha de São Paulo**, online, 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295067-reporter-da-folha-ferida-no-olho-volta-a-enxergar.shtml>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

CARAS ONLINE. Mais famosos aparecem com olho roxo para o protesto ‘Dói em Todos Nós’. **Caras Online**, online, 2013. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/tv/mais-famosos-aparecem-com-olho-roxo-para-o-protesto-doi-em-todos-nos#.U7wUmvldUrU>>. Acesso: 05. jul. 2014.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas: origen y destino de la comunidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

MITCHELL, W. J. T. Cloning Terror: The War on Images 2001-4. In: COSTELLO, Diarmuid; WILLSDON, Dominic (Ed.). **The life and death of images: Ethics and Aesthetics**. New York: Cornell University Press, 2008.

MORETZSOHN, Sylvia. Redes sociais, boatos e jornalismo. **Observatório da Imprensa**, ano 18, n. 806, *online*, 08 jul. 2013.

O GLOBO. Protestos ganham a capa do ‘New York Times’. **O Globo**, online, 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/protestos-ganham-cap-do-new-york-times-8741651>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

R7. Repórter da Globo é expulso de concentração no largo da Batata. **R7**, online, 2013. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/reporter-da-globo-e-expulso-de-concentracao-no-largo-da-batata-18062013>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TOMAZ, Kleber. PM apura vídeo que mostra policial danificando vidro de viatura. **G1**, online, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/pm-apura-video-que-mostra-policial-quebrando-vidro-de-viatura.html>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

VIRILIO, Paul. **The administration of fear**. Los Angeles: Semiotext(e), 2012.

WAINBERG, Jacques. **Mídia e terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005.

ZANOTTI, Carlos Alberto. Entre baderneiros e cidadãos: a cobertura da imprensa nas manifestações de junho de 2013. **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 93-116, jan./jun., 2014.